



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS III  
CENTRO DE HUMANIDADES  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

**THAMIRYS FERREIRA CHACON**

**PORQUE FUTEBOL É COISA DE MULHERES: MARTA VIEIRA DA SILVA E A  
RESISTÊNCIA FEMININA**

**GUARABIRA-PB  
2024**

**THAMIRYS FERREIRA CHACON**

**PORQUE FUTEBOL É COISA DE MULHERES: MARTA VIEIRA DA SILVA E A  
RESISTÊNCIA FEMININA**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado ao Departamento do Curso de  
História da Universidade Estadual da Paraíba,  
como requisito parcial à obtenção do título de  
Licenciada em História.

**Orientadora:** Profa. Dra. Susel Oliveira da Rosa

**GUARABIRA-PB  
2024**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C431m Chacon, Thamirys Ferreira.

Porque futebol é coisa de mulheres [manuscrito] : Marta Vieira da Silva e a resistencia feminina / Thamirys Ferreira Chacon. - 2024.

33 f. : il. color.

Digitado.

Artigo Científico (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação : Prof. Dra. Susel Oliveira da Rosa, Departamento de História - CH".

1. Futebol feminino. 2. Marta. 3. Resistência feminina. I. Título

21. ed. CDD 796.33074

**THAMIRYS FERREIRA CHACON**

**PORQUE FUTEBOL É COISA DE MULHERES: MARTA VIEIRA DA SILVA E A  
RESISTÊNCIA FEMININA**

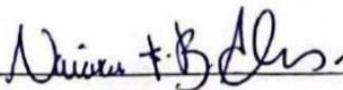
Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo)  
apresentado ao Departamento do Curso de  
História da Universidade Estadual da Paraíba,  
como requisito parcial à obtenção do título de  
Licenciada em História.

Aprovada em: 11/11/2024

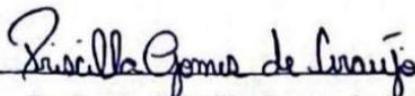
**BANCA EXAMINADORA**



\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Susel Oliveira da Rosa (Orientadora)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



\_\_\_\_\_  
Profa. Dra. Naiara Ferraz Bandeira Alves  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



\_\_\_\_\_  
Profa. Ms. Priscilla Gomes de Araújo  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

*Dedico este trabalho a todas as mulheres, que com muita força e coragem, conquistaram espaços em todas as áreas. Dedico especialmente a minha mãe, cuja força e o amor foram a base para a minha trajetória.*

## **AGRADECIMENTOS**

Início este texto expressando minha profunda gratidão a todos que fizeram parte dessa jornada. Foi um caminho longo, repleto de desafios, e sou imensamente grata às amigas que encontrei ao longo do curso. Obrigada pela parceria ao longo desses anos; vocês tornaram o processo mais leve e especial. Espero poder levar cada uma de vocês para toda a vida.

À minha família, que sempre esteve ao meu lado, apoiando e incentivando, sou eternamente agradecida. Agradeço em especial à minha mãe, por ser minha inspiração, pela força e pelo cuidado constante. Aos meus irmãos, com destaque para o mais velho, por todas as conversas e por sua influência que despertou em mim o gosto pelo futebol e, especialmente, por me apresentar Marta.

Quero também mencionar meus amigos de infância, que sempre foram meu alívio nos momentos difíceis. Cada encontro com vocês é uma renovação especial. Agradeço à minha avó, professora, mulher forte e inteligente, e ao meu avô, que infelizmente não está aqui para testemunhar minha formatura e realização como professora.

A minha orientadora, Susel, deixo meu reconhecimento pelo suporte e carinho durante todo o percurso; é um exemplo de profissional que levarei como referência por toda a vida. E a todos os professores que contribuíram para essa caminhada, meu sincero muito obrigada.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> – Primeira seleção feminina, convocada em 1988.....	17
<b>Figura 2</b> – Jogadora Sissi em campo .....	19
<b>Figura 3</b> – Declaração de Sissi .....	20
<b>Figura 4</b> – Carteirinha da Marta quando jogava pelo Vasco da Gama.....	23
<b>Figura 5</b> –Comentários de pessoas nas publicações da TNT Sports Brasil e Seleção Feminina de Futebol sobre Marta .....	27
<b>Figura 6</b> – Comemoração de Marta na Copa do Mundo de 2019 .....	29
<b>Figura 7</b> - Entrevista de Aline após anunciar que o Brasil sediara a próxima Copa do Mundo feminina.....	30

## **LISTA DE ABREVIATURA E SIGLAS**

FIFA – Federação Internacional de Futebol

LPF – Liga Paulista de Foot-Ball

Uol – Universo Online

AABB – Associação Atlética do Banco do Brasil

RJ – Rio de Janeiro

SP – São Paulo

EUA – Estados Unidos da América

BBC – British Broadcasting Corporation

CBF – Confederação Brasileira de Futebol

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>09</b>
<b>2 O FUTEBOL E AS MULHERES: BREVE HISTÓRICO .....</b>	<b>11</b>
2.1 <i>Não esqueçam de quem veio antes: Sisleide do Amor Lima.....</i>	<b>15</b>
<b>3 MARTA: O SURGIMENTO DE UMA RAINHA.....</b>	<b>20</b>
3.1 Marta: O impacto e a influência no futebol feminino .....	<b>26</b>
<b>4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>31</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>33</b>

## **PORQUE FUTEBOL É COISA DE MULHERES: Marta Vieira da Silva e a resistência feminina**

**Thamirys Ferreira Chacon<sup>1</sup>**

### **RESUMO**

Esta pesquisa tem como objetivo central compreender a evolução e os desafios da participação feminina no futebol, com ênfase no papel de Marta Vieira da Silva como figura inspiradora para jovens atletas. Metodologicamente, para atingir esse propósito, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, fundamentada na análise bibliográfica de entrevistas coletadas em veículos de comunicação relacionados ao futebol, como Globo Esporte e Uol. Para embasar teoricamente o estudo, recorreu-se a autoras como Lorde (2019), Broch (2021) e Rosa (2013). Enfatizando a luta pela igualdade de gênero no esporte e a busca por maior visibilidade para o futebol feminino, observa-se que Marta, com sua notoriedade, alcança espaços que fortalecem e impulsionam essas causas. Em um esporte tradicionalmente dominado por homens, Marta não apenas se consolidou como uma das maiores jogadoras de todos os tempos, mas também tem sido uma voz ativa em causas importantes.

**Palavras-chave: futebol feminino; Marta; resistência feminina.**

### **ABSTRACT**

This research aims to understand the evolution and challenges of women's participation in soccer, with a focus on Marta Vieira da Silva's role as an inspirational figure for young athletes. Methodologically, to achieve this objective, the research adopts a qualitative approach based on bibliographic analysis of interviews collected from soccer-related media outlets such as Globo Esporte and Uol. To provide a theoretical foundation for the study, authors like Lorde (2019), Broch (2021), and Rosa (2013) are referenced. Emphasizing the fight for gender equality in sports and the pursuit of greater visibility for women's soccer, it is observed that Marta, with her prominence, occupies spaces that strengthen and propel these causes. In a sport traditionally dominated by men, Marta has not only established herself as one of the greatest players of all time but has also been an active voice in important causes.

**Keywords: women's football; Marta; female resilience.**

---

<sup>1</sup> Graduanda na Licenciatura em História pela Universidade Estadual da Paraíba, Campus III – Guarabira.

## 1 INTRODUÇÃO

O futebol é o um dos esportes mais populares e influentes em todo o mundo, tendo início a partir do século XIX onde começou a ser praticado com as regras que conhecemos hoje em dia, ele foi conquistando a elite inglesa e com o passar do tempo se popularizou, atingindo as camadas mais populares do país. A sua proporção foi tão grande que não demorou muito para que se espalhasse por toda Inglaterra, quebrando a bolha que limitava o acesso a esse produto apenas à elite, e se tornando acessível à outra parcela da sociedade, como a classe trabalhadora inglesa.

Na década de 1930 o futebol rompeu barreiras, viu seu crescimento e sua influência se expandindo para outros países. Esse avanço foi impulsionado pela criação da Federação Internacional de Futebol (FIFA) em 1904, que estabeleceu uma estrutura global para o esporte, promovendo competições internacionais e solidificando o futebol como uma paixão mundial. A sua popularização aconteceu, em grande medida, pela importância da Copa de 1938, que foi quando o brasileiro mostrou sua relevância para o mundo. É importante destacar que o Brasil é o único país a participar de todas as edições da Copa do Mundo. Acerca do destaque brasileiro, cabe pontuar que enquanto o futebol masculino é bastante popular e influente em todo o mundo, o futebol feminino é o contrário de tudo isso. Houve, inclusive, uma época em que as mulheres eram proibidas de praticarem tal esporte.

A história do futebol feminino é construída através de uma trajetória marcada por luta contra o preconceito, a luta pelo reconhecimento e, sobretudo, a resistência das mulheres que sonhavam em serem jogadoras de futebol em uma época que eram proibidas de fazê-lo. Em 1941, no Brasil, as mulheres foram proibidas de jogarem futebol, com a justificativa de que o esporte era incompatível com as condições de sua “natureza”, o que nos leva a questionar: qual seria a natureza da mulher? Eles faziam uso dos fatores biológicos do corpo feminino para responder a essa questão, destacando a capacidade da mulher de gestar, parir e amamentar, além da menstruação, que eram frequentemente citados como justificativas para as proibições.

Conforme o artigo 54 do Decreto-Lei de número 3.199, assinado pelo então presidente, Getúlio Vargas, no dia 14 de abril de 1941. Nele estava estabelecido que: “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este feito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país” (Brasil,1941).

Vale ressaltar que o Brasil não foi o único país a ter essas proibições, na Inglaterra, as mulheres também foram impedidas de praticar o esporte. Em 1921, a Federação Inglesa de Futebol proibiu a prática do futebol feminino, impondo uma restrição que perdurou por 50 anos.

No Brasil essa proibição só termina em 1983, e as primeiras mulheres a disputarem uma copa do mundo pela seleção brasileira só conseguiram competir em 1991. Nesse longo processo de luta e resistência, temos uma figura bastante importante nessa trajetória, a jogadora brasileira Marta Vieira da Silva, um símbolo de luta e resistência do futebol feminino, lutou e construiu seu espaço em meio a tantos preconceitos e com pouca ajuda da mídia e das grandes marcas. Devido aos seus grandes feitos no futebol, ela se torna uma figura para além dos gramados, um exemplo e uma inspiração para muitas meninas que sonham em serem jogadoras de futebol.

De acordo com a tese de Pessanha (2024, p. 169), "a desigualdade salarial apresentada no futebol mundial é resultado da desigualdade de gênero ainda enfrentada no mundo do trabalho, de um modo geral, e também na concepção do futebol de mulheres como inferior, ainda que, em alguns casos, como no estadunidense, a modalidade feminina seja muito mais vitoriosa do que a masculina".

Um exemplo dessa grande desigualdade entre o futebol masculino e o feminino foi mostrada na Copa do Mundo feminina no ano de 2019. Nessa ocasião, a jogadora Marta Vieira da Silva, após converter o primeiro gol da seleção brasileira no jogo contra a seleção australiana, comemorou gritando e apontando para a chuteira, que não tinha marca de nenhum patrocinador, apenas o desenho que promove a igualdade de gênero no esporte e na sociedade. Esse ato pode ser interpretado como um protesto, uma vez que configura na denúncia da falta de patrocínio do futebol feminino naquele momento.

Esse gol foi histórico, não apenas porque Marta se tornava a primeira atleta da história, entre homens e mulheres a marcar em cinco edições da Copa do Mundo, mas pelo impacto e pela crítica feita pela jogadora, buscando mais reconhecimento e igualdade para as mulheres.

Marta, em sua época, não teve em quem se inspirar, pois como foi dito por ela em uma coletiva de imprensa em Melbourn e replicada por vários veículos de imprensa, como o Estadão (2023), as emissoras não transmitiam partidas do futebol feminino na TV, coisa que hoje em dia é algo que acontece e que muitas pessoas têm acesso. Ela teve que ser sua própria inspiração, construir seu próprio legado e abrir caminhos para as novas meninas que sonham em um dia se tornarem jogadoras de futebol. O caminho certamente não foi fácil, mas com certeza ela conseguiu abrir os caminhos e facilitar a trajetória de muitas jogadoras. Marta é um símbolo de luta e resistência, não apenas no meio futebolístico, mas na sociedade como um todo, pois sua

luta serviu para mostrar que lugar de mulher é onde ela quiser, seja em um campo de futebol ou em qualquer outro lugar do mundo.

É importante destacar que há uma motivação pessoal para o desenvolvimento deste estudo, pois o futebol sempre esteve presente na minha vida, desde bem pequena. Muito por influência do meu irmão mais velho, que foi quem me ensinou a amar esse esporte e quem me apresentou a jogadora Marta. Não tive o privilégio de crescer vendo Marta jogar, uma vez que, conforme discutido nas próximas seções desta pesquisa, o futebol feminino passou a ser transmitido em TV aberta somente em 2019, quando ocorreu a Copa do Mundo feminina. Na ocasião, ver a seleção jogar foi uma sensação única, um misto de sentimento. Naquele momento, eu questionei o porquê ter sido a primeira edição, e por que não tinha o mesmo impacto e o reconhecimento que a Copa do Mundo masculina. Esses questionamentos foram o que me motivaram a pesquisar sobre este tema.

Em termos estruturais, a presente pesquisa apresenta, na Seção 2, um breve histórico sobre o futebol e as mulheres, e, ainda nesta seção, discute sobre a importância da jogadora Sisleide do Amor Lima. Em seguida, na Seção 3, há uma contextualização sobre a história e a importância de Marta, bem como uma discussão sobre seu impacto e influência no futebol feminino. Por fim, são tecidas as considerações finais na seção de Conclusão. Metodologicamente, para atingir esse propósito, a pesquisa adota uma abordagem qualitativa, fundamentada na análise bibliográfica de entrevistas coletadas em veículos de comunicação relacionados ao futebol, como Globo Esporte e Uol. Para embasar teoricamente o estudo, recorreu-se a autoras como Lorde (2019), Broch (2021) e Rosa (2013).

## **2 O FUTEBOL E AS MULHERES: BREVE HISTÓRICO**

A chegada do futebol em território brasileiro se deu no ano de 1894, tendo sido apresentado por Charles William Miller ao retornar de seus estudos na Inglaterra. Como o autor Abal destaca em seu livro, “Charles trouxe em sua bagagem chuteiras, calções, camisas, bolas e afins, incentivando o primeiro jogo no Brasil. Vale destacar que o caso de Charles Miller se manifesta de maneira simbólica, tendo em vista que vários outros jovens que também estudavam na Inglaterra, trouxeram consigo o esporte.” (Abal, 2016, p.15).

Conforme o autor Soares (2012, p. 24) cita em sua pesquisa, “o futebol havia sido trazido por estudantes que pertenciam às famílias mais ricas, se tornando um esporte elitista, onde apenas os mais ricos conseguiam praticá-lo”. Cabe salientar que o alto custo dos equipamentos que eram necessários para a prática deste esporte, assim como a necessidade de manutenção dos gramados, influenciavam bastante no sentido elitista do esporte, tendo em vista que apenas

os mais ricos conseguiam arcar com esses custos. “Nessa época, o futebol tinha um recorte bem específico de gênero, classe e raça: era restrito aos homens ricos e brancos. Dessa forma, às mulheres, negros e pobres, a prática não era permitida” (Broch, 2021, p.2).

No ano de 1901 a primeira federação de futebol é criada, a Liga Paulista de Foot-Ball (LPF), porém, é importante destacar que as desigualdades social, de gênero e racial se manifestaram de forma que os clubes eram frequentados apenas por uma parte específica da sociedade, reforçando o elitismo já mencionado. É importante destacar que houve um determinado momento em que a discriminação racial foi nítida. “Em 1921, o então presidente da República, Epitácio Pessoa, recomendou que não se incluíssem mulatos na seleção brasileira que iria a Buenos Aires para o Campeonato Sul-Americano, pois era preciso projetar outra imagem nossa no exterior, alegava o alto mandatário” (Máximo, 1999, p.183).

Inicialmente, somente homens brancos e ricos poderiam atuar profissionalmente, a outra parcela da sociedade era excluída e proibida de praticar esse esporte. Os indivíduos de classes sociais mais baixas foram incluídos tempos depois, a partir do momento em que as empresas inglesas formavam times de futebol e na falta de jogadores brancos de classe alta, passaram a utilizar operários.

Vale ressaltar que a profissionalização do jogador de futebol se associa ao governo de Getúlio Vargas, que teve início em 1930. Como destacado por Abal:

A partir de então, os atletas passaram a ser tidos verdadeiramente como profissionais. Vargas viu no futebol uma ótima oportunidade para aumentar o alcance de seu populismo. Com a Copa do Mundo de 1938 a figura do presidente ficou intimamente ligada ao futebol e Vargas era, inclusive, parabenizado pelas vitórias da equipe nacional. Enquanto na Era Vargas o samba saía das camadas populares e chegava à elite, o futebol perdia de vez seu caráter aristocrático sendo popularizado (Abal, 2016, p.22).

A profissionalização do futebol foi um momento histórico, pois com essa conquista se deu a abertura para que as camadas mais pobres pudessem praticá-lo, não apenas como lazer, mas também usá-lo como profissão. Com isso, jovens, negros e pobres começaram a ser incluídos no campo. Mas, cabe questionar: e as mulheres? A mulher, por muitas vezes, foi excluída e esquecida da história, quando são citadas, são comumente colocadas em papéis de coadjuvantes, comparadas ao homem que é sempre o herói e o centro de tudo. Dessa forma, a historiadora Michelle Perrot (2017, p. 197) ressalta:

O ofício do historiador é um ofício de homens que escrevem a história no masculino. Os campos que abordam são os da ação e do poder masculinos, mesmo quando anexam novos territórios. Econômica, a história ignora a mulher improdutiva. Social, ela privilegia as classes e negligência os sexos.

Cultural ou “mental”, ela fala do homem em geral, tão assexuado quanto a humanidade. Célebres – piedosas ou escandalosas -, as mulheres alimentam as crônicas da “pequena” história, meras coadjuvantes da “História” (Perrot, 2017, p.197).

Como podemos ver, a história por muitas vezes é relata por historiadores homens, além disso, é expressa através do uso de documentos que são documentos originados de outros homens, assim, estes são colocados em papéis de protagonismo.

A exclusão das mulheres no futebol durou muitos anos, enquanto os homens puderam praticar o esporte desde a sua chegada ao país, por volta de 1894, as mulheres levaram anos para poderem fazer o mesmo. Inclusive, sendo proibidas de praticá-lo, conforme o artigo 54 do Decreto-Lei de número 3.199, assinado pelo então presidente, Getúlio Vargas, no dia 14 de abril de 1941. Nele estava estabelecido que: “às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este feito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país” (Brasil, 1941)

O Decreto não definia os esportes os quais as mulheres eram proibidas de praticar, porém, essa proibição aplicava-se especificamente ao futebol, uma vez que o próprio decreto alegava que essa prática não correspondia à natureza feminina. O que seria essa natureza feminina? Segundo Vieira (2002, p. 31-32):

A ideia de 'natureza feminina' baseia-se em fatos biológicos que ocorrem da mulher a capacidade de gestar, parir e amamentar, assim como também a menstruação. Na medida em que essa determinação biológica parece justificar plenamente as questões sociais que envolvem esse corpo, ela passa a ser dominante, como explicação legítima e única sobre aqueles fenômenos. Daí decorrem ideias sobre a maternidade, instinto maternal e divisão sexual do trabalho como atributos 'naturais' e essenciais' à divisão de gênero na sociedade (Vieira, 2002, p.31-32).

Os fatos biológicos mencionados fazem com que a sociedade tenha a ideia de que a mulher é feita apenas para cuidar e educar, de modo que não lhe seria “natural” a prática de um esporte como o futebol. Então, para eles era mais viável as mulheres praticarem um esporte que tivesse ligado a esses estereótipos, como por exemplo, nos Jogos Olímpicos de 1900 na França, onde ocorreu a primeira participação feminina, que permitiu visibilidade para as mulheres. Porém elas só podiam competir em duas modalidades, o tênis e o golfe, por serem considerados “bonitos” e não precisarem de contato físico. Vale destacar que as mulheres não ganhavam as coroas de oliveira, prêmio atribuído aos vencedores dos jogos, elas eram consideradas atletas extraoficiais, e apenas ganhavam um certificado de participação.

Assim, a ideia de que a mulher praticasse futebol fugia de todos esses estereótipos destinados a ela, visto que o futebol é conhecido como um esporte violento e de muita força física, coisa contrária ao que muitos achavam que era o papel da mulher. A principal ideia que eles queriam pregar era que a mulher tinha que ser submissa, e apenas praticar esportes que eram compatíveis com a sua “natureza”. Cabe destacar, ainda que:

Mesmo que as mulheres participassem de alguns eventos esportivos, o temor à desmoralização feminina frente à exibição e espetacularização do corpo se traduzia num fantasma a rondar as famílias, em especial, as da elite. A prática esportiva, o cuidado com a aparência, o desnudamento do corpo e o uso de artifícios estéticos, por exemplo, eram identificados como impulsionadores da modernização da mulher e da sua auto-afirmação na sociedade e, pelo seu contrário, como de natureza vulgar que a aproximava do universo da desonra e da prostituição (Goellner, 2005, p. 145).

É importante observar o medo que muitos tinham de que as mulheres conseguissem praticar e serem ainda melhores nas atividades consideradas apenas para os homens, tidos como superiores intelectual e fisicamente. Assim, eles mantinham a ideia de que o esporte não era para as mulheres, deixando, pois, o papel restrito à figura masculina, jogador de futebol.

A participação das mulheres no futebol se deu de maneira restrita em relação aos homens no início do século XX, como citado pela pesquisadora Marina Broch, “elas enfrentaram não somente o estigma relacionado à execução de algumas práticas esportivas, como também a obstrução da sua participação de fato em determinados esportes” (Broch, 2021, p.7).

É importante destacar o ato de resistência das mulheres, apesar das proibições impostas, o Estado não tinha o total controle da população, com isso, as mulheres jogavam futebol de forma clandestina, em lugares como as periferias ou em campos de várzea, de modo amador. Essas mulheres que lutaram e resistiram, foram as responsáveis por manter vivo o futebol feminino.

Vale ressaltar o impacto da Ditadura Militar no desenvolvimento do futebol feminino no Brasil. Em 1965, o Conselho Nacional de Desportos aprovou a Deliberação nº 7, que formalizou a proibição da participação feminina em certos esportes, como o futebol. Esse período foi extremamente rígido quanto às restrições impostas às mulheres, a ponto de algumas serem presas por desobedecerem à ordem.

Assim, a proibição que teve início em 1941 e persistiu até o final da década de 1970, quando a deliberação que vedava a prática do futebol por mulheres foi revogada, permitindo, a partir desse momento, um crescimento na presença feminina no esporte. Contudo, mesmo após essa mudança, a perpetuação de determinados valores culturais e a imposição de condutas distintas para os gêneros masculino e feminino em relação às práticas esportivas continuaram a

exercer influência de forma persistente e “a permissão legal da prática do futebol feminino estava aí, mas grande parte da criação e do gerenciamento dessas novas equipes ficava (e atualmente ainda fica) sob o encargo dos homens” (Salvini; Júnior, 2013, p. 97).

A partir deste ponto, somente em 1983, por conta de toda mobilização por parte das jogadoras, foi implantada a regulamentação da modalidade feminina. Cinco anos depois, a primeira seleção brasileira feminina foi convocada, em 1988, para disputar o torneio experimental Women’s Invitational Tournament. A seleção foi formada com jogadoras de dois times, o Esporte Clube Radar, Rio de Janeiro (RJ)<sup>2</sup>, o primeiro time feminino do país, fundado em 1981, e o Juventus, São Paulo (SP)<sup>3</sup>, que também tem um marco importante, pois é um dos primeiros clubes a participar de competições oficiais da modalidade.

A trajetória das mulheres no “país do futebol” foi de muita luta e resistência até que elas conseguissem ocupar um espaço de protagonismo em meio a um esporte feito para os homens. O caminho foi e é repleto de obstáculos, ainda existem muitas lutas para serem vencidas, muitas pessoas ainda tentam invalidar o futebol feminino, isso porque está começando a incomodar, ganhando mais visibilidade e importância.

O futebol feminino vem crescendo a cada ano, uma dessas conquistas, por exemplo, foi a transmissão da Copa do Mundo feminina sendo transmitida em TV aberta, pela emissora Globo no ano de 2019. Algo que parece tão pouco para algumas pessoas, mas para nós mulheres é um marco extremamente importante.

### ***2.1 Não esqueçam de quem veio antes: Sisleide do Amor Lima***

Por décadas, as mulheres têm desempenhado papéis fundamentais nas histórias do futebol brasileiro. Ainda que tais trajetórias tenham recebido pouca visibilidade, seja no campo como jogadoras, na mídia esportiva, no cotidiano dos clubes ou nas aulas de educação física nas escolas, elas sempre estiveram presentes de alguma forma. No entanto, persiste a tendência de apagá-las desses momentos de protagonismo.

A participação das mulheres na prática esportiva se tornou mais evidente neste século, porém é importante destacar que a partir das primeiras décadas do século XX as mulheres conquistaram um espaço maior nesse âmbito que sempre privilegiou a participação dos homens.

Um dos motivos para esta conquista foi a participação feminina nos Jogos Olímpicos Modernos, mas essa participação não foi fácil, pois muitas pessoas foram contra a participação

---

<sup>2</sup>Esporte Clube Radar é um clube brasileiro de futebol feminino fundado no Rio de Janeiro no ano de 1981.

<sup>3</sup>O Juventus (SP) é um clube tradicional de São Paulo, conhecido como "Moleque Travesso", fundado em 1924.

das mulheres neste evento, como bem coloca a Dra Silvana Goellner em sua pesquisa, “apesar de não ter se consolidado de forma tranquila, muito menos fácil, possibilitou certa visibilidade à imagem da mulher atleta” (Goellner, 2005, p.2). Essa visibilidade foi fundamental para que as pessoas pudessem ver que as mulheres também podiam praticar esportes e fazer isso em alto nível.

As mulheres só foram “permitidas” a fazer parte deste evento na sua segunda edição, em Paris no ano de 1900, mesmo sob muito protesto de alguns idealizadores do evento, que insistiam que a participação das mulheres fosse apenas direcionada a assistir aos jogos e não a praticá-los. O francês Pierre de Coubertin, o criador dos Jogos Olímpicos Modernos, era um dos que defendiam essa ideia, ele se opôs fortemente à participação das mulheres nos jogos olímpicos, pois para ele a presença das mulheres em um estádio era desagradável e imprópria. De acordo com ele,

Si os esportes femininos forem cuidadosamente expurgados do elemento espetáculo, não há razão alguma para condená-los. Ver-se-á, então, o que deles resulta. Talvez as mulheres compreenderão logo que esta tentativa não é proveitosa nem para seu encanto nem mesmo para sua saúde. De outro lado, entretanto, não deixa de ser interessante que a mulher possa tomar parte, em proporção bem grande, nos prazeres esportivos do seu marido e que a mãe possa dirigir inteligentemente a educação física dos seus filhos (Coubertin, 1938, p.46).

Com essa citação podemos perceber a opinião crítica de Pierre de Coubertin ao se referir às mulheres no esporte. Para ele, não é interessante para as mulheres a prática do esporte, pois logo iríamos perceber que a prática esportiva não é benéfica nem para a beleza e muito menos para a saúde das mulheres. Mas ele defende e acha interessante a participação das mulheres dos mesmos prazeres esportivos de seus maridos e que isso poderia ser útil para a educação física de seus filhos. Ou seja, o papel da mulher estaria limitado apenas a educar e acompanhar seu marido nas atividades que ele se propõe a fazer.

Partindo um pouco para a atualidade, esse pensamento não é tão ultrapassado, visto que muitos homens ainda pensam dessa maneira, principalmente ao se referir ao futebol feminino. Para muitos, o futebol é um esporte unicamente feito para os homens, e as mulheres não são boas o bastante para praticá-lo, pois seria contra a natureza feminina, como muitos dizem. É muito comum, por exemplo, nas redes sociais, encontrar comentários em algumas publicações relacionadas ao futebol feminino algumas pessoas disseminando ódio e menosprezando as atletas.

O futebol feminino virou pauta nos últimos anos e ganhou mais visibilidade, muito por causa das transmissões dos campeonatos femininos brasileiros e das últimas duas Copas do

Mundo, além dos Jogos Olímpicos. Mas, cabe questionar: e as que vieram antes? As mulheres que lutaram e abriram os caminhos para as atuais jogadoras? Por que nos esquecemos delas? Essas são algumas das questões que nos vêm à mente no desenvolvimento da presente pesquisa, que revelou que temos poucos materiais que falam sobre essas jogadoras.

Historicamente, a primeira convocação da seleção brasileira feminina foi em 1988 para disputar um torneio experimental chamado *Women's Invitational Tournament* (Torneio Internacional Feminino). As jogadoras convocadas para este evento faziam parte de dois clubes brasileiros, o Esporte Clube Radar e o Juventus, e a seleção brasileira ficou com o bronze que foi disputado nos pênaltis. Podemos ver que mesmo sem investimento nenhum, a seleção brasileira conseguiu, em seu primeiro torneio, conquistar o bronze, isso mostra a força e o talento das mulheres brasileiras. Esse evento foi um marco extremamente importante para o futebol feminino brasileiro, para se ter uma dimensão da falta de apoio, as jogadoras não tiveram confecção de roupas, e tiveram que usar as sobras das roupas da seleção masculina. Abaixo, na figura 1, está a foto dessa primeira convocação da seleção brasileira feminina de futebol.

**Figura 1:** Fotografia da primeira seleção feminina, convocada em 1988, disponibilizada no site da Uol (Mendonça, 2019)



**Fonte:** Mendonça, 2019

Posteriormente, a seleção brasileira feminina participou de todas as edições da Copa do Mundo Feminina. Na copa de 1991 na China foram convocadas 18 atletas, uma delas era a zagueira Elane Rego dos Santos que marcou o primeiro gol da seleção brasileira feminina em copas do mundo. Apesar de sua notória relevância, não foi encontrado nenhum material que falasse mais sobre Elane e das suas companheiras de equipe, o que revela uma grave lacuna na historiografia das conquistas femininas no futebol.

O Brasil teve momentos de protagonismo em copas do mundo, a Copa de 1999, que aconteceu nos Estados Unidos da América, teve um grande público 90.185 mil pessoas se reuniram em Pasadena para a final entre Estados Unidos e China, e com esse número bateu o recorde de espectadores. Mas isso não foi o ponto mais importante, a seleção brasileira se classificou para as semifinais da Copa do Mundo vencendo a Nigéria com o gol de falta da craque daquela geração, Sissi. Após isso, a seleção brasileira foi superada nas semifinais pelas donas da casa, a seleção dos EUA, que venceu o Brasil por 2 a 0. Na disputa pelo terceiro lugar do pódio, a seleção brasileira levou a melhor sobre a Noruega e garantiu o bronze. Uma conquista histórica.

A jogadora Sissi era um fenômeno da sua geração, liderou a seleção brasileira na conquista pelo histórico bronze, marcando gols importantes naquela edição da Copa do Mundo. Mesmo sendo extremamente importante para a história do futebol feminino, por que sabemos muito pouco sobre essa grande jogadora? Sisleide do Amor Lima, ou melhor, Sissi, foi o maior nome antes da Marta, conhecida como a pioneira do futebol feminino no Brasil.

Hoje, é reconhecida como uma das principais jogadoras da história do Brasil, mas levou um tempo para que ela recebesse esse reconhecimento. Sissi nasceu em uma época em que o futebol feminino não tinha espaço diante da sociedade, cresceu ouvindo que o “futebol era coisa de homem” palavras que até seu próprio pai e irmão promulgavam. Mas a jogadora não se deixou levar por esses comentários, pegava a cabeça de suas bonecas e improvisava uma bola de futebol.

O futebol corria pelas suas veias desde pequena. Jogou em algumas equipes de cidades pequenas na Bahia, jogou no Flamengo de Feira<sup>4</sup> e nessa época ela morava em alojamento junto com outras dez companheiras de equipe. Não foi fácil, mas ela ficou no clube dos 16 aos 19 anos de idade, logo depois disso foi para Salvador. Não demorou muito para que Sissi fosse para a cidade de São Paulo, referência no Brasil para o futebol feminino.

Jogou em grandes clubes da cidade como o Corinthians<sup>5</sup> e o São Paulo<sup>6</sup>, onde conquistou o título do primeiro Paulista Feminino, um momento histórico na carreira de Sissi. Uma jogadora histórica e pioneira teve que caminhar em lugares que ninguém tinha ido, com o seu talento e sua persistência conseguiu feitos históricos para o futebol feminino no país, venceu preconceitos, onde até seus cabelos curtos eram motivo de piada para os brasileiros. Mesmo

---

<sup>4</sup>Flamengo de Feira é um clube de Feira de Santana, na Bahia, conhecido por sua equipe masculina e feminina. Fundado em 1940.

<sup>5</sup>O Corinthians Paulista é um dos clubes mais populares do Brasil, localizado em São Paulo. Fundado em 1910.

<sup>6</sup>O São Paulo Futebol Clube, fundado em 1930, é um dos maiores clubes do Brasil, localizado em São Paulo.

assim, ela estava lá quando a seleção feminina dava seus primeiros passos, representando seu país e fazendo o que amava. Merece o reconhecimento e ser lembrada por todos.

Assim, verificamos que não podemos falar de futebol feminino e seleção feminina e esquecer-nos de mulheres como Sissi, uma mulher que venceu grandes desafios até conseguir realizar o sonho de vestir e representar as cores do seu país. O mesmo país que fazia piadas sobre ela. Acerca disso, em entrevista ao Globo Esporte, Sissi afirmou:

Tive a questão do meu cabelo curto. Chamou a atenção. Na época ninguém sabia porque resolvi raspar a cabeça. Ninguém sabia. Era uma homenagem para uma criança que tinha câncer e sofreu bullying (...), mas foi um absurdo no Brasil. Tive que escutar um monte de coisa. O fato de ter cabelo curto... todo mundo olhava. Em São Paulo, até não aceitaram que eu participasse de um campeonato. Mas sempre falo para as meninas não deixarem que mudem seus jeitos: "Se aceitar do jeito que você é" (Kestelman, 2019).

Na Figura 2, disponível abaixo, podemos ver o então polêmico cabelo curto daquela que foi o primeiro grande nome do futebol feminino brasileiro.

**Figura 2** – Jogadora Sissi em campo



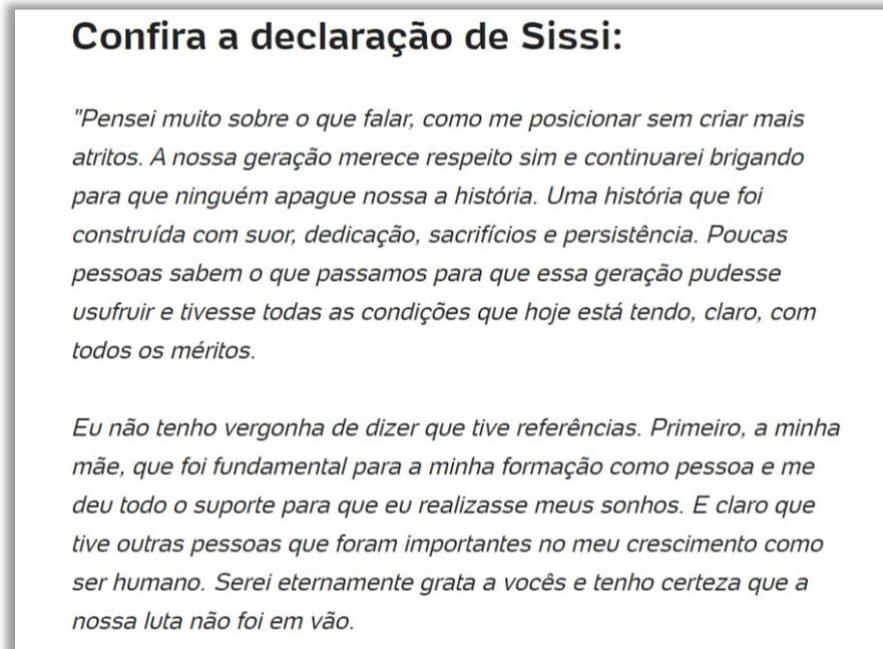
**Fonte:** Mídia Ninja, 2023

Um gesto genuíno que acabou resultando em ataques e xingamento por parte de algumas pessoas. Nessa mesma entrevista a Sissi ressalta a falta de investimento no futebol feminino naquela época e destaca a luta que as jogadoras da sua geração tiveram que enfrentar, para que as jogadoras hoje em dia pudessem desfrutar de condições melhores.

Na edição da Copa do Mundo Feminina que aconteceu em Paris, após a eliminação da seleção brasileira, Marta deu uma entrevista com declarações fortes, pedindo mais visibilidade e apoio para o futebol feminino no país, além disso, citou algumas vezes que não teve em quem

se inspirar, pois as emissoras de TV não transmitiam jogos femininos. Essa declaração mexeu um pouco com Sissi, que logo depois postou uma declaração em suas redes sociais desabafando “Não esqueçam de quem veio antes”. Confira abaixo o *print* da declaração da Sissi:

**Figura 3** – Captura de tela da declaração de Sissi



**Fonte:** Uol, 2023

Alguns torcedores afirmam que foi uma resposta para as últimas declarações de Marta e é possível que seja, mas é necessário refletir que Marta não mentiu em momento algum quando disse que não tinha em quem se inspirar. Haja vista que o futebol feminino não era transmitido nos programas de TV ou em qualquer outro meio de comunicação, como Marta e outras mulheres poderiam ter acesso à informação de que existiam mulheres jogadoras de futebol como Sissi? O desabafo de Sissi e de Marta é válido, Sissi e sua geração mereciam mais reconhecimento e visibilidade, Marta teve que percorrer esse caminho sozinha sem saber que existiam mulheres como Sissi que serviriam de inspiração para ela.

Marta surgiu pela seleção em 2002, aos 16 anos de idade. A primeira copa do mundo da “Rainha” como ela é chamada e reconhecida, foi em 2003, com apenas 17 anos de idade. Desde então, Marta balançou as redes em todas as edições da Copa do Mundo Feminina, são 17 gols em 23 jogos de Copa. Sendo a maior artilheira entre homens e mulheres. Assim, damos início a “era Marta” pela seleção e pelo futebol feminino.

### 3 MARTA: O SURGIMENTO DE UMA RAINHA

Marta Vieira da Silva, ou apenas Marta, é uma futebolista brasileira que nasceu no dia 19 de fevereiro de 1986, na cidade de Dois Riachos, interior de Alagoas. Naquela pequena cidade do interior de Alagoas nascia uma das maiores lendas do futebol mundial. Eleita seis vezes melhor do mundo pela FIFA, se tornando uma das mulheres mais influentes, artilheira de Copas do Mundo entre homens e mulheres. Quando falamos sobre futebol feminino e seleção brasileira feminina o primeiro nome que vem na mente é o de Marta, mas se engana quem pensa que o caminho que ela percorreu foi fácil, pois lutou muito até finalmente ser reconhecida como “Rainha do Futebol”.

A jogadora vem de uma família humilde, tem três irmãos, que foram criados apenas pela mãe, Tereza da Silva, já que o pai os abandonou quando ela tinha apenas um ano de idade. O interesse pelo futebol surgiu muito cedo, ainda criança ela gostava de jogar bola com os garotos da sua cidade, e por ser a única menina do grupo, ela sofria vários preconceitos. É curioso imaginar que alguém, em algum momento, ousaria recusar a presença daquela que se tornaria a maior jogadora de futebol de todos os tempos em uma simples partida de fim de semana. Negar-se a apreciar seus dribles, sua técnica refinada, seu talento e sua ginga. Contudo, foi exatamente isso que Marta enfrentou no início de sua carreira, sendo constantemente rejeitada sob a justificativa de que, por ser mulher, não deveria jogar futebol. Em uma de suas entrevistas ao Globo Esporte (Mello, 2014), Marta relembra os preconceitos e as dificuldades que enfrentou durante os primeiros passos de sua trajetória no esporte.

Comecei no futebol quando tinha entre sete, oito anos. Já brincava nos campinhos da minha cidade com os meninos. No começo, as pessoas não achavam normal ver uma menina no meio de um bando de garotos jogando bola. E tinham as pessoas que faziam comentários maldosos e preconceituosos. Quando passei a jogar torneios pelo time do meu colégio, os meninos também não gostavam muito. Achavam que era uma falta de respeito com eles e que as pessoas iriam falar mal daquilo. Por exemplo, 'não tem garotos bons o suficiente na escola, então precisam colocar uma garota em campo'... - relembra a atacante, em entrevista ao GloboEsporte.com, no dia em que se comemora o Dia Internacional da Mulher (Mello, 2014).

Marta sempre teve que lidar com comentários preconceituosos desde criança, felizmente ela nunca deixou que isso a impedisse de fazer o que amava, jogar futebol. Para ajudar no sustento da família, dividia seu tempo nos campos de futebol com o de trabalhar “pegando frete”, nome dado a uma atividade de empurrar um carrinho de mão com produtos em uma

feira, até a casa das pessoas. Além disso, ela também vendia roupas e dindim<sup>7</sup>, lavava louça na casa das famílias de amigas para ganhar dinheiro e ajudar no sustento de sua família.

Na Associação Atlética do Banco do Brasil (AABB), localizada em Santana do Ipanema, em Alagoas, era realizada a Copa Infantil de Futsal, uma das mais importantes competições da região. O treinador José Júlio de Freitas, conhecido como "Tota", permitia que uma menina, Marta, participasse do torneio junto com os meninos. Tota foi o primeiro treinador de Marta na escolinha de futsal, ele foi o responsável por conseguir o primeiro importante passo da carreira da futura camisa 10 da seleção brasileira, testes para o Rio de Janeiro. Aos 14 anos, com a ajuda de familiares e pessoas próximas, Marta conseguiu juntar dinheiro e deixou sua cidade natal em busca do seu sonho de se tornar uma jogadora de futebol profissional.

Tota foi um dos responsáveis por impulsionar Marta a realizar o sonho de se tornar jogadora de futebol, ele não esconde o orgulho que tem de ter participado dos primeiros passos da trajetória da Rainha Marta. Em entrevista ao Terceiro Tempo, site da Uol, Tota fala da dificuldade que teve no início para poder colocar Marta para jogar, pois muitas pessoas não aceitavam que ela jogasse futebol e muito menos que fizesse isso com os meninos, simplesmente por ela ser mulher. Em outro momento, ele cita que teve um episódio na cidade de Jacaré dos Homens, em Alagoas, a torcida insinuava que ela deveria ter suas roupas removidas para confirmar que era, de fato, uma menina, alegando que, por essa razão, não deveria competir ao lado dos meninos.

A trajetória de Marta no futebol, um esporte predominantemente masculino, foi repleta de desafios. Desde muito jovem, ela enfrentou diversas situações constrangedoras e preconceituosas. No entanto, o que mais impressiona é que Marta não permitiu que essas adversidades a abalassem; pelo contrário, utilizou esses comentários negativos como combustível para perseguir seu sonho de se tornar uma jogadora profissional. Ela não apenas alcançou esse objetivo, mas também se consagrou como uma das maiores jogadoras de futebol de todos os tempos.

Marta sempre manteve viva a lembrança de suas raízes e de sua cidade natal, levando seu nome aos maiores palcos do futebol mundial. Ela nunca se esqueceu daqueles que a apoiaram no início de sua jornada, como o treinador Tota. Em uma entrevista concedida ao site Terceiro Tempo (Lima, 2019), da Uol, Tota destacou o reconhecimento constante que a camisa 10 da seleção brasileira demonstrada por sua contribuição:

---

<sup>7</sup>Dindim, também conhecido como sacolé ou geladinho. É um doce que vai dentro de um saco plástico e lembra a textura de um picolé.

Marta sempre fala no meu nome, sempre me homenageia. Ela me jogou no mundo. Sou conhecido no mundo inteiro. É um grande prêmio que eu tenho. Com ela, também levou o nome da cidade para o mundo inteiro e isso deixou um registro de Alagoas e de uma cidadezinha chamada Dois Riachos, desta cidade para o mundo saiu a Marta. Seis vezes, a melhor jogadora de futebol do mundo. É um orgulho! (Lima, 2019).

Em 2000, aos 14 anos de idade, Marta fez um teste no Vasco da Gama<sup>8</sup>, sendo contratada pelo time carioca, onde deu início a sua carreira profissional no futebol. Na figura 4, disponível abaixo, está a carteirinha da Marta quando jogava pelo Vasco.

**Figura 4** – Carteirinha da Marta quando jogava pelo Vasco da Gama disponibilizada no site Dibradoras



**Fonte:** Nunes, 2023

Durante seu período no clube, Marta conheceu a treinadora Helena Pacheco, que se tornou sua mentora. Helena reconheceu o imenso potencial daquela jovem de apenas 14 anos. Em uma entrevista concedida ao Uol, a treinadora relatou o talento excepcional de Marta, destacando sua habilidade com dribles, sua técnica apurada e a força impressionante de seu chute com a perna esquerda. Algo que impressionou a treinadora desde o início foi a intensidade e a determinação que Marta carregava consigo. Em seu primeiro chute a gol, Marta acertou diretamente o rosto da goleira, em uma demonstração de força que refletia seu desejo de superar

<sup>8</sup>O Vasco da Gama é um clube tradicional do Rio de Janeiro, com grande importância no futebol brasileiro. Fundado em 1898.

e afastar todos os obstáculos e preconceitos que enfrentou ao longo de sua trajetória para chegar até aquele momento. Em uma entrevista concedida à BBC (Mendonça, 2017), a treinadora relata esse momento: "Eu falei para ela: olha, você não pode chutar na cara da goleira, se não você vai machucá-la. Ela nem respondeu, foi lá e fez de novo. Ela queria vencer, essa era a raiva dela", relatou a treinadora do Vasco à época”.

É evidente que a carga emocional que Marta carregava era imensamente pesada para uma jovem de apenas 14 anos. Deixou sua casa muito cedo em busca de uma carreira em um esporte onde, no Brasil, as mulheres não eram valorizadas. Ao longo de seu caminho, enfrentou preconceitos e críticas severas, sem ter uma referência para se inspirar, pois, naquela época, o futebol feminino era amplamente desvalorizado, e as jogadoras que haviam alcançado o sucesso não recebiam visibilidade nos grandes meios de comunicação. Marta ousava sonhar em trilhar um caminho que poucas mulheres sequer tinham a oportunidade de almejar.

Algo que chama a atenção nessa entrevista da treinadora à BBC é a forma que ela descreve Marta, ao vê-la pela primeira vez: "Virei para meu assistente e falei: essa tem uma cara boa. Tem raiva da vida. Isso é importantíssimo para você vencer. E ele me disse: 'mas você nem viu ela jogar!' Mas eu nem precisava ver. A raiva da vida estava na cara dela, nos olhos" (Mendonça, 2017).

A fúria pela vida transparecia em seu rosto, refletida intensamente em seus olhos, pois encontrava na raiva seu principal combustível para perseguir seus sonhos. Uma raiva que muitos poderiam associar à destruição, mas que, para Marta, era fruto de dores profundas. Era a dor de enfrentar preconceitos desde cedo, a dor de ouvir palavras machistas, de experimentar o abandono, de sentir na pele o racismo. Marta transformava essa dor em força. A autora Audre Lorde descreve exatamente essa dinâmica: a utilização da raiva como motor de mudança e de resistência.

Toda mulher tem um arsenal de raiva bem abastecido que pode ser muito útil contra as opressões, pessoais e institucionais, que são a origem dessa raiva. Usada com precisão, ela pode se tornar uma poderosa fonte de energia a serviço do progresso e da mudança. E quando falo de mudança não me refiro a uma simples troca de papéis ou a uma redução temporária das tensões, nem a habilidade de sorrir ou se sentir bem. Estou falando de uma alteração radical na base dos pressupostos sobre os quais nossas vidas são construídas (Lorde, 2019, p. 167).

Ao analisar essa citação em comparação à experiência de Marta, podemos perceber que ambas utilizam a raiva como uma ferramenta poderosa para enfrentar as opressões que as cercam. Todas as mulheres possuem “arsenal de raiva” que, quando usado com precisão, pode

se transformar em uma fonte de energia capaz de promover mudanças profundas e significativas, indo além de soluções superficiais ou temporárias. Marta desde pequena canaliza sua raiva, gerada pelo enfrentamento do machismo, do racismo e do abandono, transformando-a em uma força motivadora para lutar por seus sonhos e resistir às injustiças. Essa raiva, longe de ser destrutiva, torna-se o motor que impulsiona suas ações e a sua busca por transformação. A finalidade dessa raiva é a mudança, quando usada conscientemente para destruir as estruturas opressoras que sustentam as desigualdades e construir uma nova base sobre a qual suas vidas e suas lutas possam ser moldadas.

Como estamos falando sobre resistência, é importante pontuar o significado dessa palavra. A palavra "resistência" é, por natureza, feminina, não apenas em sua forma gramatical, mas também em sua essência histórica e simbólica. Durante o período da ditadura militar, no Brasil e em outros contextos autoritários, as mulheres foram protagonistas de uma luta incansável contra a opressão e a repressão. Elas se organizaram, protestaram, sustentaram suas famílias e deram voz às que foram silenciadas. A resistência, portanto, se transformou em um ato profundamente enraizado na experiência e nas vivências femininas. Segundo a análise de Susel Rosa (2013), a resistência feminina é um reflexo da capacidade de nutrir e proteger a vida, mesmo diante das mais severas adversidades. Onde há vida, há resistência; e onde há mulheres, há a força para sustentar essa vida contra qualquer forma de opressão ou silenciamento. A resistência feminina vai além de uma simples oposição ao autoritarismo; ela é a própria expressão da esperança e da luta contínua por justiça e liberdade, movida por uma força que é, ao mesmo tempo, regeneradora e transformadora. Elas demonstraram que a resistência não é apenas um ato de sobrevivência, mas um compromisso com a construção de um futuro onde a liberdade, a igualdade e a dignidade sejam direitos fundamentais de todos.

Depois dessa importante reflexão, voltamos com a trajetória de Marta. Não foi necessário muito para que ela demonstrasse seu talento e assinasse um contrato com o Vasco, um dos clubes mais renomados de futebol feminino da época. No entanto, o sonho rapidamente se transformou em um pesadelo quando, dois anos depois, o clube foi forçado a encerrar suas atividades devido à falta de recursos financeiros. Em entrevista à BBC (Mendonça, 2017), a treinadora Helena Pacheco compartilha a tristeza de Marta ao receber a notícia. Em suas palavras, "Ela sofreu muito quando o Vasco acabou. Mas aí conversei com o presidente (Eurico Miranda) e ela e outras jogadoras puderam continuar morando lá. Depois, ela foi jogar em Minas com pessoas que a gente conhecia".

Marta já mencionou em diversas ocasiões que a treinadora Helena Pacheco foi como uma "mãe no futebol" para ela. Quando recebeu a proposta de atuar em um clube na Suécia,

Marta imediatamente compartilhou a novidade com Helena, que ofereceu todo o suporte necessário para que ela pudesse dar esse importante passo em sua carreira. A ida de Marta para o time da Suécia foi fundamental para a sua carreira. Foi na equipe Sueca que Marta ganhou mais visibilidade internacional, jogou durante quatro anos na equipe europeia, encantando todos que iam assistir. No Umeå IK<sup>9</sup> ela conquistou quatro campeonatos suecos de forma consecutiva, um título da copa da Suécia, uma Super Copa da Suécia e um dos títulos mais importantes no futebol europeu, a Liga dos Campões. Marcando de vez o seu nome na história do futebol na Suécia e mostrando seu talento para o mundo.

### **3.1 Marta: O impacto e a influência no futebol feminino**

Após alcançar grande destaque no futebol sueco, Marta foi contratada pelo Los Angeles Sol<sup>10</sup>, nos Estados Unidos. Em sua temporada de estreia pelo clube americano, ela não apenas se destacou como a artilheira da competição, mas também conduziu a equipe ao vice-campeonato nacional, demonstrando um impacto imediato e significativo no desempenho do time. Marta foi convocada para representar a seleção brasileira na Copa do Mundo de 2003, onde, já na estreia, deixou sua marca ao anotar três gols em quatro partidas. Naquela edição, o Brasil alcançou as quartas de final, e Marta começou a demonstrar seu impacto e talento vestindo a camisa da seleção.

Nos Jogos Pan-Americanos de 2003, realizados em Santo Domingo, na República Dominicana, a jogadora marcou dois gols, ajudando a seleção brasileira a conquistar a inédita medalha de ouro. Mesmo sendo muito jovem, já demonstrava um impacto significativo, tanto nos clubes em que atuava quanto na própria seleção, consolidando seu talento e liderança desde o início de sua carreira. Nos Jogos Olímpicos de Atenas, em 2004, mais uma vez encantou o mundo ao liderar a seleção brasileira na conquista da medalha de prata, contribuindo com três gols ao longo da campanha. Em 2006, dois anos depois, foi eleita a melhor jogadora do mundo pela primeira vez. Ao retornar à sua cidade natal, foi recebida por uma multidão e celebrada em grande estilo, sendo conduzida em um carro do Corpo de Bombeiros pelas ruas de sua terra natal.

O impacto de Marta era tão significativo que ela conseguia ser conhecida mesmo em uma época que o futebol feminino não tinha tanta visibilidade. Lembro-me de quando, ainda criança, eu adorava jogar futebol com meu irmão mais velho. Ele sempre imaginava qual

---

<sup>9</sup>Umeå IK é um clube sueco de futebol feminino, localizado em Umeå, conhecido por sua presença em campeonatos europeus. Fundado em 1923.

<sup>10</sup>Los Angeles Sol foi uma equipe de futebol feminino dos EUA, com sede em Los Angeles, ativa até 2010.

jogador gostaria de ser, e, em uma dessas brincadeiras, declarou: "Eu vou ser o Messi." Olhei para ele e perguntei: "E eu? Quem vou ser?" E ele respondeu sem hesitar: "Você é a Marta." Naquele momento, eu não fazia ideia de quem ela era, nem conhecia muito sobre o futebol feminino, mas abri um sorriso imediatamente. Finalmente, havia alguém como eu para me inspirar. Uma mulher.

Muitos não entendem o significado e a importância de Marta para o futebol feminino, gostam de limitá-la a títulos em grupo, como a não conquista da Copa do Mundo, mas esquecem de mencionar que ela é a maior artilheira desta competição, entre homens e mulheres com 17 gols em 23 jogos disputados. Pela seleção ela soma 119 gols, se tornando a maior artilheira. Mas mesmo com feitos históricos tanto no futebol feminino quanto na seleção ela ainda tem que ouvir muitos comentários desnecessários. Abaixo estão alguns *prints* de comentários sobre Marta na publicação das páginas TNT Sports Brasil e da Seleção Feminina de Futebol.

**Figura 5** – Captura de tela comentários de pessoas nas publicações da TNT Sports Brasil e Seleção Feminina de Futebol sobre Marta, disponibilizadas no Instagram das duas páginas.



**Fonte:** Instagram

Observa-se que esses comentários depreciativos são, em sua maioria, feitos por homens que minimizam Marta, comparando-a a jogadores como Neymar e Pelé. A irritação que eles demonstram parece surgir do fato de que Marta utiliza sua influência e visibilidade para defender causas em que acredita. Para esses indivíduos difamadores, ela deixa de ser vista como uma jogadora de futebol e passa a ser taxada como "lacradora", um termo frequentemente usado de forma pejorativa.

Mas afinal, por que Marta é reconhecida mundialmente como a Rainha do Futebol? Um reinado não se constrói apenas com títulos conquistados. E, se fosse esse o único critério, ela precisaria provar mais alguma coisa? Eleita seis vezes como a melhor jogadora do mundo, a maior artilheira da seleção brasileira e a maior goleadora da história das Copas do Mundo, seu currículo é mais do que suficiente para justificá-la como a Rainha. No entanto, o verdadeiro reinado é construído pela influência e pelo que você representa para as pessoas. Talvez a raiva de muitos em relação Marta esteja justamente nesse ponto: no fato de ela usar sua imagem e influência para lutar pelas causas em que acredita, incomodando aqueles que preferem uma postura de silêncio diante das injustiças.

Exemplos dessas lutas ocorreram na Copa do Mundo de 2019, quando Marta se tornou a maior artilheira da história das Copas do Mundo e celebrou o feito apontando para sua chuteira, que trazia uma mensagem em favor da igualdade de gênero. Esse gesto se repetiu na Copa do Mundo de 2023, realizada na Austrália e Nova Zelândia, onde Marta recusou todas as propostas de patrocínio de marcas esportivas, por considerá-las inadequadas. Novamente, usou sua chuteira como forma de protesto, destacando a luta contra a desigualdade de gênero entre homens e mulheres no esporte.

Finalmente, para além do questionamento da política e das restrições da cidadania, o feminismo expandiu sua crítica para as bases de constituição da racionalidade que norteia as práticas sociais e sexuais. Estendeu a crítica às próprias formas da cultura, revelando como a dominação se constitui muito mais sofisticadamente nas próprias formas culturais que instituem uma leitura da política e da vida em sociedade, convergindo com outras correntes do pensamento pós-moderno, como "o pensamento da diferença". Nesse sentido, longe de pretender destronar o "rei" para colocar em seu lugar uma "rainha", o feminismo propõe a destruição da monarquia no pensamento e nas práticas sociais, inclusive dentro de si mesmo. Afinal, hoje as feministas dificilmente aceitariam falar em nome de um único feminismo, pluralizando, portanto, suas definições e campos de atuação (Rago, 2001, p. 65).

Com base no recorte do texto de Margareth Rago, *Feminizar é preciso: Por uma cultura Filógena*, podemos analisar como certos tipos de comentários utilizam a misoginia para sustentar o privilégio masculino, buscando preservar o domínio masculino em um esporte como o futebol, historicamente considerado exclusivo dos homens. Esses críticos resistem em abrir mão dessa monocultura e, ao comparar jogadores a jogadoras, procuram perpetuar a ideia da supremacia masculina no futebol. A ideia de que uma mulher possa ser tão boa quanto ou até superior a um homem é inconcebível para alguns, especialmente em um esporte que eles consideram propriedade masculina. A aversão de muitos está no fato de que uma mulher, como

Marta, é reconhecida como "Rainha do Futebol" e, em muitos casos, supera ídolos masculinos que eles veneram. É importante ressaltar que enaltecer Marta como rainha não significa diminuir o "rei", mas sim demonstrar que, sim, uma mulher pode ser tão talentosa quanto, ou até mais, que os homens em um esporte que antes era considerado exclusivo deles.

**Figura 6** – Comemoração de Marta na Copa do Mundo de 2019, disponibilizada no site da ESPN (2019).



Fonte: ESPN (2019)

Além disso, durante a Copa do Mundo de 2019, após a eliminação da Seleção Brasileira, Marta fez uma forte declaração pedindo mais visibilidade e investimentos no futebol feminino. Naquele momento, 40 anos após a revogação da lei que proibia as mulheres de praticarem futebol, os 20 clubes da Série A do Brasileirão<sup>11</sup> passaram a ser obrigados a manter equipes de futebol feminino, tanto adultas quanto de base. Atualmente, vários clubes de renome mundial vêm revelando grandes talentos, com destaque para o Esporte Clube Corinthians Paulista<sup>12</sup>, que se sobressai não apenas pelos títulos conquistados, mas também por revelar jogadoras para a seleção brasileira. Um exemplo disso é Gabi Portilho, que, após uma boa campanha nas Olimpíadas, foi incluída na lista das 30 melhores jogadoras do mundo atuando no Brasil.

Faz apenas 45 anos que o futebol feminino foi regularizado no Brasil. Apenas em 2019 os clubes da Série A do Brasileirão passaram a ser obrigados a manter equipes femininas, tanto na categoria adulta quanto na base. Esse avanço, embora significativo, revela que ainda há um longo caminho a ser percorrido para a verdadeira consolidação do futebol feminino no país.

Uma notícia recente trouxe esperança e entusiasmo para esse desenvolvimento: o Brasil será sede da Copa do Mundo Feminina de 2027. Sediar essa competição representa muito mais

<sup>11</sup>É a liga brasileira de futebol profissional entre clubes do Brasil, sendo a principal competição futebolística no país.

<sup>12</sup>O Esporte Clube Corinthians Paulista é uma seção de futebol feminino do Sport Club Corinthians Paulista, fundado em 1997.

do que apenas receber um torneio internacional; é uma afirmação de que o futebol também pertence às mulheres brasileiras. O futebol é nosso, e o protagonismo feminino no esporte ganha uma visibilidade inédita com esse marco.

A ex-capitã da Seleção Brasileira e atual dirigente da CBF, Aline Pellegrino, destacou a importância dessa Copa do Mundo para o país. Para ela, esse evento tem o potencial de alavancar o crescimento do futebol feminino no Brasil, trazendo mais investimentos, oportunidades e reconhecimento para as jogadoras. A presença de um torneio dessa magnitude em solo brasileiro reforça o compromisso de impulsionar a modalidade e pavimentar o caminho para futuras gerações de atletas, consolidando o Brasil como uma potência no futebol feminino.

**Figura 7** - Entrevista de Aline após anunciar que o Brasil sediara a próxima Copa do Mundo feminina, disponível no X da TNT Sports.



Fonte: TNT, 2024

Essa Copa do Mundo será um marco para o futebol feminino no Brasil, representando não apenas mais recursos e visibilidade para os nossos campeonatos nacionais, mas também oportunidades para as jovens promessas do esporte. No entanto, um capítulo importante se encerra: Marta, ícone do futebol mundial, anunciou que se aposentará da Seleção Brasileira ao final de 2024. Sua despedida deixa um legado, que vai muito além dos recordes e títulos.

Marta se aposenta como uma das maiores figuras do futebol feminino, servindo de inspiração não apenas para jogadoras brasileiras, mas para jovens atletas ao redor do mundo. Seu impacto transcende fronteiras, e exemplos disso são jogadoras como a canadense Olivia Smith, a sueca Cornelia Kapocs, e as norte-americanas Sophia Smith e Trinity Rodman, que a citam como referência em suas trajetórias. Em uma entrevista, Sophia Smith destacou a

importância de Marta para o desenvolvimento de jovens jogadoras, afirmando que ela tem sido fundamental para que atletas como ela possam alcançar os maiores palcos do futebol feminino. Conforme disponibilizado por Rios (2024), Smith ressaltou: “Não estaríamos aqui sem Marta, que mudou o jogo para sempre e continua mudando.” A jogadora norte-americana expressou ainda sua profunda gratidão pela brasileira: “O fato de ela jogar na nossa liga ajudou muito. Acho que não há palavras para descrever a gratidão que temos por uma jogadora como a Marta, que defende jovens jogadoras como nós”, acrescentou Smith ao falar sobre a jogadora de 38 anos, do Orlando Pride.

Essas declarações reforçam o impacto global de Marta no futebol feminino, não apenas como jogadora excepcional, mas como uma defensora incansável das novas gerações, abrindo caminhos e proporcionando visibilidade para atletas ao redor do mundo. O legado de Marta vai além das quatro linhas, deixando uma marca inesquecível na evolução e no reconhecimento do futebol feminino. Algumas pessoas tentam limitar a grandiosidade da carreira de Marta apenas aos títulos ou à sua atuação pela seleção nacional, no entanto, seu impacto vai muito além das conquistas. O futebol de Marta transcendeu os troféus, alcançando diversas gerações e inspirando meninas ao redor do mundo. Marta tornou-se essa mudança, um espelho para milhões de meninas que agora sonham em trilhar o mesmo caminho, provando que o legado não se limita ao que se conquista em campo, mas à transformação que se promove na sociedade.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, o futebol é o esporte mais popular em todo o mundo e tem um destaque especial no Brasil, comumente chamado de "país do futebol". Essa reputação é resultado das vitórias históricas e do estilo de jogo cativante que desperta admiração mundial, com figuras como Pelé, Leônidas da Silva e Reinaldo destacando essa trajetória. No entanto, é crucial salientar que o mesmo país que se autointitula "país do futebol" proibiu, durante décadas, a prática do esporte por mulheres. Atualmente, o aporte financeiro no futebol feminino ainda é insuficiente, demonstrando uma contradição entre o entusiasmo nacional e a igualdade de oportunidades.

Mesmo diante desse cenário desfavorável, a equipe feminina do Brasil realizou feitos impressionantes: esteve presente em todas as edições da Copa do Mundo, obteve um vice-campeonato mundial e ganhou três medalhas de prata nas Olimpíadas. Nasceu em solo brasileiro uma jogadora que viria a se tornar uma das maiores do mundo, Marta Vieira da Silva, eleita seis vezes a melhor jogadora do mundo e a maior goleadora da história das Copas, considerando homens e mulheres.

Marta vai além da função de jogadora, transformando-se em um emblema de mudança no esporte, particularmente em um cenário onde o futebol feminino ainda se depara com obstáculos estruturais e culturais. A sua trajetória e engajamento na luta pela igualdade de gênero evidenciam sua capacidade de inspirar e mobilizar, superando preconceitos e obstáculos. Marta se posiciona como uma figura crucial para o desenvolvimento e reconhecimento do futebol feminino, além de fomentar um ambiente esportivo mais inclusivo e equitativo, expandindo a discussão sobre reconhecimento e igualdade na sociedade.

## REFERÊNCIAS

ABAL, F. C. **O Direito no Gramado**: o contrato de trabalho do atleta profissional de futebol [ebook]. Passo Fundo: [s.n.], 2016.

BROCH, M. Histórico do futebol feminino no Brasil: considerações acerca da desigualdade de gênero. **Temporalidades – Revista de História**. Edição 35, v. 13, n. 1. jan./jun. 2021.

COUBERTIN, P. **Revista Educação Physica** n.º 21, agosto de 1938.

ESTADÃO. Marta se emociona e chora ao falar sobre legado no futebol feminino: ‘Garotas querem ser como eu’. **Estadão**, 02 ago. 2023. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/esportes/futebol/marta-se-emociona-e-chora-ao-falar-sobre-legado-no-futebol-feminino-garotas-querem-ser-como-eu-npres/>.

Entertainment and Sports Programming Network. A Marta e o manifesto pela igualdade de gênero na Copa do Mundo dizem muito. ESPNW, 14 jun. 2019. Disponível em: [https://www.espn.com.br/espnw/artigo/\\_/id/5730494/a-marta-e-o-manifesto-pela-igualdade-de-genero-na-copa-do-mundo-dizem-muito](https://www.espn.com.br/espnw/artigo/_/id/5730494/a-marta-e-o-manifesto-pela-igualdade-de-genero-na-copa-do-mundo-dizem-muito)

GOELLNER, S. V. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.19, n.2, p.143-51, abr./jun. 2005. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16590/18303>.

KESTELMAN, A. Maior nome antes de Marta, Sissi carrega história de preconceito e pouco reconhecimento. **Globo Esporte**, 05 jun. 2019. Disponível em: <https://ge.globo.com/futebol/copa-do-mundo-feminina/noticia/maior-nome-antes-de-marta-sissi-carrega-historia-de-preconceito-e-pouco-reconhecimento.ghtml>.

LIMA, L. Primeiro treinador de Marta, Seu Tota fala do orgulho que tem da jogadora. **3º Tempo**, 23 jul 2019. Disponível em: <https://terceirotempo.uol.com.br/noticias/primeiro-treinador-de-marta-seu-tota-fala-do-orgulho-que-tem-da-jogadora>.

LORDE, A. **Irmã Outsider**: Ensaios e Conferências. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

MÁXIMO, J. Memórias do futebol brasileiro. **Estudos Avançados**, V. 13, N. 37, USP – Universidade de São Paulo, São Paulo – SP, Abril, 1999. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9493/11062>.

MELLO, J. Marta lembra começo no futebol: 'Meninos do colégio não gostavam'. **Globo Esporte**, 08 mar. 2014. Disponível em: <https://ge.globo.com/boleirama/noticia/2014/03/marta-lembra-comeco-no-futebol-meninos-do-colegio-nao-gostavam.html>.

MENDONÇA, R. #100Mulheres A treinadora que foi impedida de estudar futebol na faculdade e revelou a melhor jogadora do mundo. **BBC Brasil**, 26 out. 2017. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-41768887>.

MENDONÇA, R. 1ª seleção feminina teve uniforme herdado dos homens e superação na Copa. 01 jul. 2019. **Dibradoras**. Disponível em:

<https://dibradoras.blogosfera.uol.com.br/2019/01/07/1a-selecao-feminina-teve-uniforme-herdado-dos-homens-e-superacao-na-copa/>.

MÍDIA NINJA. Sissi: Conheça a história da primeira grande referência do futebol feminino brasileiro. **Mídia Ninja**, 19 jul. 2023. Disponível em: <https://midianinja.org/sissi-conheca-a-historia-da-primeira-grande-referencia-do-futebol-feminino-brasileiro/>.

NUNES, M. As versões de Marta, que completa 37 anos rumo a mais um ano histórico. **Dibradoras**, 19 fev. 2023. Disponível em: <https://dibradoras.com.br/2023/02/19/as-versoes-de-marta-que-completa-37-anos-rumo-a-mais-um-ano-historico/>.

PERROT, M. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. São Paulo: Paz e terra, 2017, p. 197-249.

PESSANHA, Nathália Fernandes. Nem Evas, nem Marias: as mulheres no futebol brasileiro (1941-1983). 2024. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2024.

RAGO, Margareth. **Feminizar é preciso: por uma cultura filógina**. São Paulo: Perspectiva, 2001, p. 58-65.

RIOS, J. N. Marta mudou o futebol feminino, dizem norte-americanas antes da final. **Agência Brasil**, 08 ago. 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/esportes/noticia/2024-08/marta-mudou-o-futebol-feminino-dizem-norte-americanas-antes-da-final>.

Rosa, Susel Oliveira. Mulheres, ditaduras e memórias: "Não imagine que precise ser triste para ser militante". SP: Intermeios/FAPESP, 2013.

SALVINI, L.; JÚNIOR, W.. Uma história do futebol feminino nas páginas da revista Placar entre os anos de 1980-1990. **Movimento**, v. 19, n. 1, 2013

SOARES, J. M. A. **Direito de imagem e direito de arena no contrato de trabalho do atleta profissional de futebol**: análise sob a ótica da lei n. 12.395/2011. 2 ed. São Paulo: LTr, 2012.

TNT (@TNTSportsBR). X, 17 maio 2024, 11:46. Disponível em: <https://x.com/tntsportsbr/status/1791480291531563473?s=46>.

UOL. Sissi, craque dos anos 90, desabafa: 'Não esqueçam de quem veio antes'. **UOL**. 05 ago. 2023. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2023/08/05/sissi-craque-dos-anos-90-desabafa-nao-esquecam-de-quem-veio-antes.htm>.

VIEIRA, E.M. **A medicalização do corpo feminino**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2002.